

10 RAZÕES PARA LER OSMAN LINS

A literatura nasce da calma, do trabalho persistente e lento de muitas recusas. (Osman Lins).

Lourival Holanda
Univ. Federal de Pernambuco – UFPE

1. Porque o filme de Guel Arraes, *Lisbela e o prisioneiro*, trouxe o grande público para mais perto de Osman Lins. E Pernambuco redescobriu, com surpresa e satisfação, um grande escritor. No entanto, esse público entrava por uma porta lateral: a melhor produção de Osman Lins está em *Nove, Novena*, e em *Avalovara*. (O grande escritor argentino Júlio Cortázar dizia que se tivesse escrito *Avalovara*, não precisaria escrever mais). Não é Osman Lins um escritor de amenidades mas um modelo de escritor engajado: na e pela literatura, no compromisso com a forma – sem maiores concessões. Talvez em situação similar à de Julien Gracq, na França: sem alardes, um clássico desde cedo. *As qualidades mais valiosas de um livro são como que secretas e se revelam aos poucos, sempre com parcimônia* (*Avalovara*. SP : Melhoramentos. 1973.p39). Osman conjugava, num modo feliz, experimentação e corte clássico. E assim, tendo driblado magistralmente os dois riscos da literatura moderna: a) a do formalismo, pelo extremo da experiência que fina por desaguar no abstracionismo; b) a de certo naturalismo jornalístico que beira a propaganda ideológica. Há, em Osman Lins uma deliberada exigência *com as palavras de luta* (Eduardo Galeano). O interessante em Osman é manter o interesse romanesco, ao mesmo tempo em que revoga técnicas e convenções estilísticas. *A palavra sagra os reis, exorciza os possessos, efetiva os encantamentos. Capaz de muitos usos, também é a bala dos desarmados e o bicho que descobre as carcaças podres* (*Avalovara*.SP : Melhoramentos. 1973. p261).

2. Porque sua indignação nunca se arregimentou, cego, a qualquer credo político, sacrificando sua lucidez. Não hipotecou sua independência à comodidade de nenhuma comunidade de idéias. *O domínio da arte não deve ser posto sob o domínio do Partido*. Por mais legítima que seja a causa, a literatura não deve estar submetida. E no entanto, Osman crê que a atenção dada às palavras é uma forma de agir sobre o real e sobre si próprio. *Lida o escritor, na opressão, com um bem confiscado* (*Avalovara*.p.261). Novalis quer que seja o escritor *um homem movido pela linguagem*. Osman é assim, um compromisso com a palavra, a fim de *revisar valores, pesar o imponderável, desfiar enfim o tecido das idéias e avançar um pouco na obscuridade das coisas*.

3. Porque, a despeito das dificuldades financeiras, soube estabelecer para si duras prioridades. Osman foi bancário, numa época em que isso representava estabilidade e prestígio, no mercado de trabalho. Desembaraçou-se de tudo para assumir-se escritor, à part entière. *Em vinte anos, segundo calcula, passou lidando com fichas, memorandos, arquivos, cifras indicativas de fortunas alheias e quase sempre infíquas*. Pagou a renúncia à comodidade, para tentar dar a sua vida um sentido, uma significação *pela literatura* – e assim evitar ser, no espelho de cada manhã, apenas um sobrevivente de si mesmo, quando o cansaço vazio de um ritmo inútil já não desposa a alegria intensa de estar vivo. A literatura é um antídoto, quando urge reagir ao desencanto do mundo – esse veneno nas veias da vida.

4. Porque soube elevar a estética a uma dimensão ética. Osman luta contra a desvalorização da linguagem – uma das enfermidades de nosso tempo – para restabelecer a dignidade deste instrumental de transformação: num escritor, sua linguagem é sua ação. *A condição do escritor, antes, será a de um perpétuo combatente, a de um homem sempre em luta consigo próprio e com um mundo que jamais o aceita integralmente; que nunca poderá aceitá-lo.*

5. Porque ele é o terceiro momento marcante da literatura moderna no Nordeste. O primeiro é Manuel Bandeira, contra o abuso do verso feito pela escolástica parnasiana. Bandeira areja a poesia em novos ritmos que o verso, agora despregado do antigo molde, desfralda em bandeira. O segundo é João Cabral na luta contra as amarras da convenção poética, optando por um rigor formal para devolver ao verso seu vigor constitutivo. O terceiro momento é Osman Lins, que vai fazer o texto de prosa recompor com a poesia, tornando tênue, senão falsa, a fronteira entre ambas – *a poesia livre que irrompe a cada instante*, no dizer de Antonio Cândido. O texto de Osman é antes de tudo, poético – tenta dar a ouvir a secreta melodia (sustentada) existente por entre as dissonâncias do real.

6. Porque ele respondeu, superando, a proposta do romance francês. As coisas, tema privilegiado da narrativa francesa para exorcizar o excesso de psicologismo do romance tradicional, adquirem em Osman Lins uma carga de poeticidade incomum. Como quando o narrador, no conto *O pássaro transparente*, interroga as mãos da amada, aquela que desprendeu-se de todo supérfluo para seguir a arte, e as contrapõe com as suas, afeitas às posses: *Elas amestrou as mãos de sua juventude, fez com que lhe pertencessem. Quanto a mim – estas, cautelosas, quase sempre fechadas, não sei que sutil e laborioso processo as engendrou – em que armário do tempo, em que espessa noite de interrogações perdi as minhas?* (None, novena. Rio: Guanabara, 1987.p. 20). O leitor deduz, pelo viés poético, o intuito de Osman em mostrar as mãos enquanto raízes da alma. Lição antiga, a de que todo apego nos define. *Tento construir, obedecendo a uma estética rigorosa, um mundo rebelde, imaginário, única maneira a meu ver de sondar as profundezas do real.*

7. Porque ele esperou a sagradação do tempo, madurando a acolhida atual e a vindoura. Traduzido na Alemanha, em 74, e na Itália, em seguida, pouco depois, era a vez de os Norteamericanos terem contato com *Avalovara*. O crítico e tradutor norte-americano Gregory Rabassa colocava a poética de Osman, na América Latina, ao lado da de García Márquez e de Julio Cortázar. Na França, um crítico bastante considerado, Maurice Nadeau, julga *Nove, Novena*, um dos melhores textos aparecidos naquele momento, entre livros franceses e estrangeiros. Entre nós seu reconhecimento veio cedo, com a admiração de Antonio Cândido que em *Avalovara* via na literatura brasileira atual um momento de decisiva modernidade. Com a crítica aguda de João Alexandre Barbosa (*Ele não conta: escreve*) ou o trabalho lustral na crítica osmaniana, de Ana Luiza Andrade (*Crítica e criação*. S. Paulo: Hucitec. 1987). Cabe ainda lembrar a argúcia crítica de Gabriela Cariello, na Argentina, mostrando o modo como Osman resolve impasses narrativos contemporâneos.

8. Porque com sua literatura alargamos o conceito de escritor nordestino. Osman Lins é um escritor a partir do nordeste. Regional, por pertencer a um solo, mas sem peias. Regional por pertencer a um chão, inda que sempre incerto, na literatura contemporânea, mas não aos limites de uma fronteira. Há um forte coeficiente de desterritorialização na poética de Osman. Os “classificadores” da história literária, acostumados com um certo registro do romance regionalista de 30, tiveram dificuldade em etiquetar Osman como autenticamente regional. Essa incompreensão se vai dissolvendo e absorvendo um critério mais literário: importa, no texto, a transformação do dado, mais que sua descrição sociológica. A pesquisa formal em Osman Lins parte de chão nordestino – mas escapa ao lugar-comum, à paroquialização. Ele é um escritor antenado: e mais atento ao possível que ao passado. Assume o desafio contemporâneo de pretender ao universal sem sacrificar o específico. Sem reduzi-lo a um signo imobilizado e imobilizador (mandacaru, chapéu de couro), na definição de cultura nordestina à literatura das secas ou aos retirantes de Portinari. Como não se pode, por um momento amargo, definir assim a vida, sempre mais larga.

9. Porque ele fazia distinção entre a seriedade da literatura, na dedicação diuturna ao ofício da escritura, e a da sisudez acadêmica, que faz parecerem, os teóricos, teólogos arrogantes. Osman não rejeita o rigor, mas refuta o terrorismo das teorias, que findam ateando mais lenha à fogueira das vaidades literárias, quase sempre, de brilho breve – que seduzem, mais que norteiam. Talvez seja só a homenagem que a fumaça presta à chama. Osman não é menos um escritor visceral: longe da comédia *in litteris*, tão comum ao meio, entre literatos hábeis e enganosos, ele concebe a literatura como *um empreendimento espiritual que poderá vir a ser – e espero firmemente que o seja – fecundo para os meus semelhantes*. (Escreveu isso em 66, num documento para o Banco do Brasil, que nunca entenderia a gravidade de um tal projeto). Quando, nos idos de 70, um crítico louvava *as frases, as palavras* de Clarice Lispector, ela fica desapontada: havia escrito para *dizer* alguma coisa. As palavras não estavam ali como mero jogo verbal. *Nenhuma, mas nenhuma mesma, das palavras do livro foi jogo*, dizia Clarice, resistindo à redução de seu propósito a mero brilho verbal – quando o que ela pretende é *aderir ao que existe por meio de um visão total das coisas* (*Jornal do Brasil*. Crônica. Fev/70). Osman participa desta exigência de quem se contrapõe ao caos, sempre mais próximo, criando, com resistência e rigor, uma alegria mais intensa que satisfação.

10. Porque para ele o trabalho da literatura era um trabalho do homem sobre si mesmo, para exconjurar o absurdo buscando a alegria. Escrever: *um contínuo ato de amestramento e descoberta*. Em dado momento Osman diferencia os escritos *cursivos* dos de *bordejar*. Aqueles trazem informes já previamente sabidos; estes, os de *bordejar*, que definem a escrita de Osman, são aqueles nos quais o escritor avança e descobre, revela-se, devassa territórios que desconhecia, podendo suceder-lhe, durante a realização da obra, chegar a evidências e surpresas que lhe ameaçam os alicerces da vida. (*Guerra sem testemunha*. Martins. SP. 1969). A alegria de viver deve ser uma exigência que se sente como perfeitamente absurda e indefensável; no entanto, há os que crêem na literatura enquanto uma possível reserva de sentido. E crêem poder juntar à alegria – o sal sempre necessário – alguma lucidez. É o que faz o diferencial da prosa de Osman Lins.

